

Cristiane Fuzer
Karen Machado Figueiredo da Rosa
Organizadoras

Estante virtual da Júlio do Canto: a magia das estórias



Cristiane Fuzer
Karen Machado Figueiredo da Rosa
Organizadoras

Estante virtual da Júlio do Canto: a magia das estórias



ufsm.ateliedetextos@gmail.com

<https://www.ufsm.br/projetos/extensao/ateliedetextos/>

<https://www.facebook.com/extensao.ufsm>

<https://open.spotify.com/show/43X10RljD3rChV1Q5szgnS>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS

Projeto de extensão “Ateliê de Textos: práticas orientadoras para produção e avaliação de textos na perspectiva sistêmico-funcional” (GAP/CAL 040190)

Coordenação do projeto: Cristiane Fuzer

Escola parceira: E.M.E.F. Júlio do Canto - Santa Maria, RS

Mediação das oficinas de escrita e contação: Karen Machado Figueiredo da Rosa (graduanda em Letras, bolsista FIEIX)

Mediação da oficina de desenho: Diva Maria Pereira Marques (professora de Artes da E.M.E.F. Júlio do Canto)

Colaboração: Guilherme Barbat Barros e Pâmela Fuzer (graduandos em Letras da UFSM), Cíntia Cocco, Anidene de Siqueira Cecchin, Carla Carine Gerhardt (pós-graduandas em Letras da UFSM), Elisane Scapin Cargnin (professora de Língua Portuguesa da E.M.E.F. Júlio do Canto)

Ilustrações: alunos-autores dos textos escritos

Capa: Fábio da Silva Rodrigues (graduando em Tecnologia em Fabricação Mecânica da UFSM)

Edição e diagramação: Ariadne Quirino Soares (graduanda em Produção Editorial da UFSM)

Apoio: Laboratório de Língua Portuguesa (LABPORT)

Apoio financeiro: Fundo de Incentivo à Extensão (FIEIX) da Pró-Reitoria de Extensão e Centro de Artes e Letras da UFSM, Programa de Extensão Universitária (PROEXT-Sisu 2016).

E79 Estante virtual da Júlio do Canto [recurso eletrônico] : a magia das estórias / Cristiane Fuzer, Karen Machado Figueiredo da Rosa, organizadoras. – Santa Maria, RS : UFSM, CAL, Ateliê de Textos, 2020.
1 e-book : il.

1. Língua portuguesa 2. Narrativas 3. Contos de fada
4. Estórias – Reinvenção I. Fuzer, Cristiane II. Rosa, Karen Machado Figueiredo da

CDU 806.90:37
82.08

Ficha catalográfica elaborada por Alenir I. Goularte - CRB-10/990
Biblioteca Central da UFSM

Autoriza-se a reprodução total ou parcial deste material tão somente para fins educacionais, desde que citada a fonte:

FUZER, C.; ROSA, K.M.F. (Orgs.). *Estante virtual da Júlio do Canto: a magia das estórias*. Vários autores. Santa Maria: Ateliê de Textos, PRE, UFSM, 2020.



Dedicatória

À querida professora Elisane, nossa incentivadora.

À querida Karen, nossa dedicada e excelente
mediadora durante o Ateliê de Textos *On-line*.

Aos leitores desta coletânea de mágicas estórias.

Alunos-autores da E.M.E.F. Júlio do Canto

Alunos-autores

Ana Lavínia Rodrigues

Bianca Rodrigues Corrêa

Gabriel Lopes da Silva

Gustavo de Oliveira Guites

Isabele Vieira Goularte

João Vitor de Vargas Dias

Maria Eduarda Righi da Cruz

Maria Luiza Silva de Lima

Mateus Macedo Fontana

Markus Juan Colpo de Moraes

Sumário

Prefácio

11

Apresentação

15

Agradecimentos dos alunos-autores

19

João e o elixir mágico

Escrita conjunta

21

Chapeuzinho Vermelho e a receita secreta

Bianca Rodrigues Corrêa

25

Um dia de sapo

Maria Eduarda Righi da Cruz

31

Chapeuzinho Vermelho e o seu smartphone

Gabriel Lopes da Silva

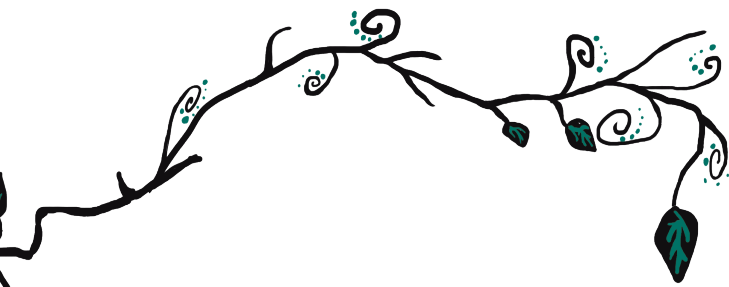
37

As aventuras de João e Maria

Mateus Macedo Fontana

43





As magias de Cinderela

Isabele Vieira Goularte

49

João e Maria, os sobreviventes

João Vitor de Vargas Dias

53

Chapeuzinho e o susto na floresta

Ana Lavínia Rodrigues de Oliveira

59

Branca de Neve e a rainha má

Maria Luiza Silva de Lima

65

A Cinderela conectada

Markus Juan de Colpo Moraes

69

João o aventureiro

Gustavo de Oliveira Guites

75

Depoimentos dos Alunos-autores

E.M.E.F. Júlio do Canto, Santa Maria, RS

81



Prefácio

Ainda ouvimos e relemos os chamados Contos de Fadas clássicos porque os ouvidos e os olhos que empregamos são sempre novos a cada vez. Pelas fases de nossas vidas essas histórias vibram dentro da gente movendo nossa alma de diversas maneiras. Essas maneiras são as sensações que experimentamos quando mergulhamos num livro e a história nos tira do mundo de modo a não vermos o tempo passar. Esses ouvidos e olhos agora são dos dez participantes do projeto Ateliê de Textos que, revisitando alguns clássicos, deu a eles a oportunidade de colocarem elementos de seus próprios mundos em seus contos.

Um bom prefácio apresenta os escritores, mas não os conheço pessoalmente: a Ana, a Bianca, o Gabriel, o Gustavo, a Isabele, o João Vitor, a Maria Eduarda, a Maria Luiza, o Markus e o Mateus. No entanto, acho que posso me aventurar a escrever uma pequena história porque acho que consigo enxergar um pouco de cada um neste livro que já li...

Era uma vez dez estudantes de uma Escola Mágica chamada Júlio do Canto (cantar é uma atividade mágica também). A Escola é mágica porque transforma pessoas em cidadãos (um tipo de ser humano que sabe fazer coisas acontecerem do nada). Quem entra nela sempre sai melhor um pouquinho a cada dia. Muitos feitiços e magias são realizados nesse lugar, os mais usados são os Laços de Amizade, as Correntes do Companhei-

risimo, a Força da Dedicção, a Gratificação do Esforço e a Luminosidade da Inteligência. Um dia chegou ali um outro grupo de magos que se propuseram a ajudar aquelas pessoas a se desenvolverem de maneira especial. Eles vieram de uma terra diferente, onde as coisas não estavam acabadas e eram construídas aos poucos através de uma magia chamada Emoção no Papel. O fundamento desta magia era simples, mas precisava de perseverança para aprender. Cada um precisaria de tempo para tentar construir seu mundo colocando sua força mental enquanto escreve. Se a magia Emoção no Papel desse certo, ao final esses dez estudantes de magia fariam aparecer um objeto mágico chamado Livro. Esse Livro sempre guarda um pouco da história de cada um, como um panorama do jeito e de seu desenvolvimento, além de seus mundos moldados em suas realidades. E foi isso que esses dez estudantes fizeram. O dia a dia lhes trouxe diversas aventuras e obstáculos que conseguiram enfrentar: Os Atrasos Incontroláveis, Os Problemas dos Adultos Estressados e A Escassez dos Incentivos. Tudo isso passando pelo Vale da Procrastinação, o Pântano do Vou-Fazer-Como-Todo-Mundo, o Deserto das Ideias e o Nevoeiro do Enfadonho. No entanto, com bastante esforço foram vitoriosos e fizeram aparecer este objeto mágico que você, leitor, está segurando nas mãos. O Livro traz principalmente satisfação aos que participam e aos que ensinam, por isso também é importante, como é importante a jornada diária para aprender. E o Livro lhes trouxe sorrisos para sempre. E o fim da estória não existe enquanto usarmos a magia de colocar nossos pensamentos no papel.

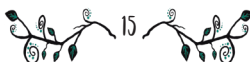
Nas mãos de nossos autores, os contos passam a ter características deliciosas. Seus mundos de histórias agora são mais atuais, com celulares, aplicativos, vídeos e esportes, entre outros. As histórias têm uma variedade de elementos e um desenvolvimento criativo. Através dos textos, em ordem crescente em ano escolar, pode-se observar um momento em seus desenvolvimentos e o esforço de orientação para manter as características individuais de suas faixas etárias. Visões de mundo, maneiras de contar, vocabulários em desenvolvimento, histórias surpreendentes e tudo isso com ilustrações dos próprios autores. Um prazer de ler, principalmente quando tudo é evidência da dedicação desses autores e das presenças que os nutriram para acreditar nesta realização.

Ao final, parablenizo os dez autores que fizeram essa viagem por esses caminhos colocados por todos os membros do Ateliê de Textos que fazem sua parte com abnegação. Chegar ao final é bom, mas as histórias que contamos para nossos amigos e familiares são sempre sobre o que aconteceu ao longo. Os dias de encontro de escrita, de desenho e todas as atividades do Ateliê de Textos ficam no coração. Que esse trabalho de extensão seja a magia que coloque a alegria de escrever na ponta dos dedos a partir do que a imaginação criar.

Santa Maria, 08 de dezembro de 2020.

Cláudio Antônio Esteves

Professor de Música do Centro de Artes e Letras
e fã incondicional do Ateliê de Textos



Apresentação

As edições do Ateliê de Textos são sempre desafiadoras e encantadoras, porque cada contexto em que o projeto é realizado traz sempre muitas reflexões e aprendizados aos envolvidos. Em 2020, para a 9ª edição do projeto, um desafio a mais nos foi colocado: a impossibilidade de encontros presenciais tanto na escola quanto na universidade, por conta das necessárias medidas de prevenção devido à pandemia da COVID-19. Isso não nos impediu, contudo, de vivenciar o Ateliê de Textos com intensidade e muita dedicação.

A alternativa foi adaptarmos, em vários aspectos, a dinâmica do projeto, de modo que a eficácia da sua metodologia e a qualidade dos seus resultados não fossem afetadas. A primeira adaptação foi a modalidade: as ações com alunos-autores, mediadores e equipe de trabalho foram realizadas integralmente na modalidade remota (com exceção de algumas ações da coordenadora do projeto e equipe diretiva da escola parceira, para distribuição de materiais e apoio a alunos, observando-se sempre as medidas de biossegurança recomendadas).

Outras adaptações foram sendo realizadas durante o planejamento de cada atividade a ser desenvolvida com os participantes no ambiente remoto. Usamos as plataformas Google Classroom e Google Meet e muitas, muitas mensagens em grupos no WhatsApp para as interações diárias.

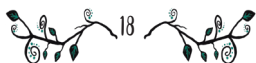
Os integrantes da equipe do Ateliê de Textos, constituída por acadêmicos de licenciatura e bacharelado em Letras e de Produção Editorial, por acadêmicos da pós-graduação em Letras, por uma professora de Língua Portuguesa e professora de Artes da escola parceira e por professoras formadoras da UFSM, reuniram-se semanalmente no ambiente virtual para planejar, avaliar e refletir sobre cada sequência de ações do projeto ao longo dos cinco meses de sua organização e execução.

Todos não mediram esforços para que o projeto cumprisse suas metas, dentre as quais está a obra que temos em mãos agora.

A professora Elisane Scapin Cargnin, professora de Língua Portuguesa da Escola Municipal de Ensino Fundamental Júlio do Canto, foi incansável desde as inscrições dos alunos até a preparação para a sessão de lançamento. Acompanhou todo o processo junto aos alunos e aos mediadores das oficinas de escrita, desenho e contação de histórias. Participou das reuniões semanais com a equipe de trabalho do projeto e compartilhou muitas experiências e conhecimentos conosco.

A professora Diva Maria Pereira Marques, responsável pela disciplina de Artes da E.M.E.F. Júlio do Canto, foi maravilhosa na mediação da oficina de desenho, orientando os alunos-autores no processo de ilustração de suas histórias.

Os acadêmicos da UFSM, integrantes da equipe do Ateliê de Textos, foram valiosos com suas contribuições na revisão e discussão dos planejamentos das atividades e dos produtos. Não podemos deixar de destacar as divertidas contações de



estórias gravadas em podcasts¹ para auxiliar os alunos em suas contações e a videoaula² sobre as relações entre os componentes verbal e visual dos textos para auxiliar os alunos na escolha de cenas a serem ilustradas.

Os alunos-autores foram incríveis na superação de muitos desafios, desde instabilidades de conexão e limitações de acesso a tecnologias até dificuldades de produzir textos em ambiente remoto. Os dez alunos-autores que escreveram e re-escreveram tantas vezes as estórias que nos brindam nesta obra são exemplos de resiliência e dedicação, assim como os mediadores e as professoras que os acompanharam a cada passo desse processo.

Além dos muitos aprendizados que esperamos que o projeto tenha proporcionado aos participantes ao longo de um semestre de intenso trabalho, esta obra é um dos resultados obtidos. Nela, estão reunidas onze estórias elaboradas por estudantes que se encontram nos anos finais do ensino fundamental da E.M.E.F. Júlio do Canto.

Os alunos-autores escolheram produzir reinvenções de contos de fadas e, para isso, foram realizadas, em nossas oficinas, atividades preparatórias à escrita, como a leitura detalhada de narrativas, a partir do caderno didático “Ateliê de textos - para ler e reinventar estórias: do contexto ao texto e vice-versa” (FUZER et al., 2017) e construção conjunta de uma narrativa, que resultou nas aventuras de “João e o elixir mágico”, uma estória

¹Confira em: <https://open.spotify.com/show/43X10RlJd3rChV1Q5szgn>

²Confira em: <https://youtu.be/aX-Z8b4vYXE>

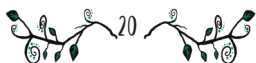
cativante, que aborda valores importantes. Foi construída conjuntamente pelos jovens autores, com o auxílio das mediadoras na oficina de escrita.

Essas atividades encaminharam os alunos à produção individual, com escrita e sucessivas reescritas do próprio texto, sempre com o apoio de bilhetes orientadores, feedbacks coletivos e orientações orais individuais. As estórias, produzidas a partir de contos clássicos e palavras-chave escolhidas pelos alunos autores, encontram-se na sequência desta obra.

Os textos, aqui presentes, são resultados desse processo realizado com muito empenho e interesse por parte dos alunos-autores, da professora da escola e da equipe o Ateliê de Textos. Desejamos que você, caro leitor, divirta-se com as estórias que, além de muita imaginação, carregam um pouco de cada um dos alunos, de suas realidades e desejos. Convidamos a conhecê-las e a perceber que as estórias, assim como nós, esperançam dias melhores. Uma ótima leitura!

Santa Maria, 04 de dezembro de 2020.

Cristiane Fuzer
Karen Machado Figueiredo da Rosa
Organizadoras



Agradecimentos dos alunos-autores

Agradecemos a todos que contribuíram para que nossas histórias fossem publicadas nesta coletânea.

À família, que nos autorizou a participar do projeto Ateliê de Textos e nos encorajou a continuar mesmo com tantas limitações de acesso em função da pandemia.

À Universidade Federal de Santa Maria pelo apoio para a realização do projeto.

À equipe da Escola Municipal de Ensino Fundamental Júlio do Canto, em especial à professora Elisane Scapin Cargnin, que com muita paciência nos orientou, nos mandou recados, nos lembrou dos nossos prazos, e à professora Diva Maria Pereira Marques, que ministrou a oficina de desenho.

À Karen Machado Figueiredo da Rosa, mediadora das oficinas de escrita e contação de histórias, que incansavelmente nos orientou, enviou áudios, repetiu recados, marcou encontros extras e sempre foi muito paciente e carinhosa conosco.

À professora Dra. Cristiane Fuzer, coordenadora do projeto Ateliê de Textos, tão presente em todas as nossas ações.

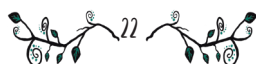
Aos demais integrantes da equipe do Ateliê de Textos, que nos proporcionaram os momentos de aprendizagem ao participarem dos encontros virtuais e ajudarem a elaborar materiais didáticos que recebemos em nossas aulas.


À Ariadne Quirino Soares, pela excelente organização e diagramação do nosso livro.

À professora Luciane Botton, da E.M.E.F. Júlio do Canto, pela colaboração com a equipe do Ateliê de Textos com dicas para a montagem dos podcasts com nossas estórias.

Ao professor Paulo Renato Flores, diretor da E.M.E.F. Júlio do Canto, pela acolhida e envolvimento com o projeto.

Aos colegas, alunos-autores das estórias, pelos bons momentos *on-line* desde o início de setembro.





João e o elixir mágico

Ana Lavínia Rodrigues

Bianca Rodrigues Corrêa

Gabriel Lopes da Silva

Gustavo de Oliveira Guites

Isabele Vieira Goularte

João Vitor de Vargas Dias

Maria Eduarda Righi da Cruz

Maria Luiza Silva de Lima

Mateus Macedo Fontana

Markus Juan Colpo de Moraes

Karen Machado Figueiredo da Rosa



Era uma vez um menino chamado João que vivia em um vilarejo, com sua mãe e seu valente cachorro. Eles estavam passando por dificuldades financeiras em casa, e João sentiu-se na obrigação de ajudar a sua mãe.

Diante dessa situação, o menino resolveu procurar alguns itens para vender pelo seu *smartphone*. Enquanto isso, a mãe de João lembrou-se de um baú que estava no sótão de casa e que, por ser uma herança de sua mãe, guardava com muito carinho.

Dentro do baú, encontraram um saquinho cheio de feijões, que era um produto muito caro. Esses feijões eram diferentes, pois, por alguma razão, brilhavam no escuro. Então, João decidiu fazer uma pesquisa em seu *smartphone* e encontrou o anúncio de um homem idoso que queria comprar feijões iguais àqueles que ele tinha. No horário e no dia marcado, João entregou o produto ao homem e recebeu seu pagamento.

Sem querer, ficou com alguns grãos no bolso e, no outro dia, seu cachorro encontrou-os dentro do cesto de roupas sujas. O cão, guloso, tentou comê-los, sentiu-se mal, tossiu e cuspiu os feijões na terra. Depois de algumas horas, algo inusitado aconteceu. De repente, João e sua mãe avistaram um enorme pé de feijão no meio de seu quintal.

O menino falou à sua mãe que iria subir e ela perguntou o porquê. João respondeu que essa poderia ser uma chance de encontrar condições melhores de vida. Ouvindo isso, a mãe de João concordou com a ideia, mas mesmo assim ficou preocu-

pada e, por isso, disse a ele que levasse o seu cachorro junto, pois achou que o valente cão o protegeria. João tomou coragem e resolveu subir, levando seu querido animalzinho no colo.

Enquanto o menino escalava, seu cachorro caiu e se espatifou no chão. O menino, com lágrimas nos olhos, continuou subindo, pois já estava quase no topo do pé de feijão e tinha esperança de encontrar algo que pudesse reanimar o seu cãozinho.



Assim que chegou lá em cima, encontrou uma casa com porta e janelas enormes. João lembrou-se de uma estória que leu, sobre um terrível gigante que tinha muito dinheiro e morava acima das nuvens. Mesmo com medo, a curiosidade falou mais alto e ele decidiu entrar. João se deu conta de que não conseguiria bater, nem tocar a campainha. Então, conseguiu passar

por debaixo da porta, entrou e deparou-se com um gigante do tamanho de um prédio.

João, muito assustado, correu para se esconder, mas o gigante disse a ele para não fugir, pois não faria mal algum ao menino. Ao conversar, contou que estava triste, pois, quase no fim da subida, seu cãozinho havia caído. O gigante disse que tinha um elixir que poderia ajudar o cão, mas que só poderia dar ao menino se recebesse algo em troca.

João pensou no que poderia trocar por esse elixir e lembrou-se de que a única coisa que tinha era o seu *smartphone*. Então propôs um acordo: uma troca entre o *smartphone* e o elixir que salvaria a vida do animalzinho. O gigante, que já tinha um interesse na tecnologia dos humanos, ficou muito feliz com o *smartphone* e, como agradecimento, ofereceu ao menino um saco de moedas, que em um estalar de dedos transformou em notas de duzentos.

Depois disso, o menino despediu-se do gigante e desceu do pé de feijão com o elixir mágico e o dinheiro. Ao chegar ao quintal de sua casa, João deparou-se com seu cachorro sem vida e derramou algumas gotas do elixir em cima dele.

Depois desses momentos de tensão, João chegou a sua casa, abraçou a sua mãe, que o aguardava ansiosamente, e mostrou a ela todo o dinheiro. Ela, com seus olhos cheios de lágrimas, agradeceu-lhe e os três ficaram muito felizes. O menino e o gigante passaram a ver-se com mais frequência, pois tornaram-se amigos.

Chapeuzinho Vermelho e a receita secreta

Bianca Rodrigues Corrêa

6º ano



Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho, que morava num vilarejo com sua mãe e tinha uma vovozinha que morava perto da mata. Cada vez que ia visitar a vovó, Chapeuzinho tinha que passar na mata. Certo dia, sua mãe resolveu fazer um bolo de chocolate de uma receita secreta. O bolo que a mãe da menina costumava fazer continha um ingrediente que fazia com que as pessoas doentes se sentissem melhores, então, pediu para que Chapeuzinho o levasse para a avó.



A menina prontamente aceitou ao pedido da mãe que a recomendou:

— Filha, leve o bolo para sua avó, mas não deixe que

ninguém o pegue e não conte a ninguém que o bolo é mágico, pois se isso acontecer, podemos ter problemas.

Chapeuzinho, curiosa, questionou:

— Como assim mágico, mãe? O que acontece se alguém comê-lo?

A mãe disse:

— Minha filha, diz a lenda que se alguém, que não estiver doente, morder um pedaço do bolo, pode tornar-se tão poderoso, a ponto de fazer mal às pessoas de bem.

Chapeuzinho escutou atentamente a sua mãe e logo saiu de casa. No caminho, perto de um lago, Chapeuzinho encontrou algumas amigas, que a convidaram para jogar vôlei. Chapeuzinho disse que poderia jogar com elas por pouco tempo, pois teria que levar o bolo de receita mágica, que carregava na cesta, para sua avó. As amigas, então, perguntaram:

— Bolo mágico!? Como assim!? Conte-nos tudo!?

Enquanto Chapeuzinho contava, empolgada, sobre o segredo da lenda do bolo de chocolate, o lobo, escondido atrás de um arbusto, ouvia tudo muito atento. Chapeuzinho e as amigas não viram o lobo e continuaram conversando. Chapeuzinho contou para as meninas sobre o poder do bolo e seguiu o seu caminho para a casa da vovó.

No meio do caminho, Chapeuzinho encontrou o lobo que perguntou a ela, fingindo que não sabia de nada, onde morava sua vovó e ela lhe disse:

— Mora ali numa casinha branca, humilde e bem pequena.

O lobo pensou:

— Me dei bem! Vou comer a vovó e o bolo poderoso!

O lobo saiu correndo e foi até a casa da vovozinha, que estava doente. Chegando lá bateu à porta, e ela perguntou:

— Quem é?

Com voz afeminada, o lobo respondeu:

— Sou eu, a Chapeuzinho Vermelho. Quando a vovó abriu a porta, percebeu que não era sua neta, mas não deu tempo de reagir, pois o lobo a imobilizou, devorou-a e tomou seu lugar na cama. Em seguida, chegou Chapeuzinho e bateu à porta. O lobo, no lugar da vovó, mandou-a entrar.

A menina entrou e ficou assustada, pois não reconheceu a vovó e perguntou:

— Por que você está com esses olhos tão grandes?

Ele disse:

— É pra te enxergar melhor.

E a menina questionou:

— E esse nariz tão grande?

— Para te cheirar melhor.

— E essa boca tão grande?

— Pra te comer!!!!

Quando a Chapeuzinho ouviu isso, ela deixou o bolo cair e saiu correndo, gritando por socorro. O lobo devorou o bolo pensando que se tornaria poderoso, mas, na verdade, o efeito foi contrário, pois o ingrediente secreto do bolo era essência de camomila para a vovó comer aos poucos e dormir melhor. Como o lobo comeu todo o bolo de uma vez só, desmaiou de tanto sono.

Enquanto Chapeuzinho corria, as suas amigas, que ainda estavam jogando vôlei ali perto, escutaram os gritos da amiga e uma delas foi correndo pedir ajuda do pai, que era caçador e andava na mata com seus cães farejadores. Enquanto o caçador caminhava em direção à casa da avó de Chapeuzinho, o lobo, ao ouvir o latido dos cães do pai da menina, quis fugir, mas não conseguiu, pois estava muito tonto devido ao excesso de camomila. O lobo foi preso pelo caçador, que abriu sua barriga, tirou a vovozinha, colocou pedras em sua barriga, costurou e o largou no rio.

O caçador voltou para a casa da vovó e foi convidado pela Chapeuzinho a tomar um chá com biscoitos, pois o bolo todo havia sido comido pelo lobo e, mesmo se ainda restasse um pedaço, ele não comeria, pois não queria fazer mal às pessoas de bem e, muito menos, cair no sono. Os três tomaram o chá, conversaram e se despediram.

Chapeuzinho voltou para sua casa e reencontrou a mãe. A menina contou tudo que tinha acontecido e disse que, da próxima vez, tomaria mais cuidado ao contar segredos no meio de uma floresta um tanto quanto perigosa. A mãe concordou, as

duas se abraçaram e ficaram muito felizes, pois Chapeuzinho e a vovó tinham saído ilesas de tudo isso. Chapeuzinho aprendeu a importância de seguir as recomendações de sua mãe e, a partir daí, começou a cuidar: com quem e onde compartilha seus segredos.



Um dia de sapo

Maria Eduarda Righi da Cruz

6° ano



Era uma vez uma menina muito bonita chamada Tiana, que morava em um uma grande casa no centro da cidade. Ela era muito amiga de Charlotte, que morava em um belíssimo castelo cheio de luzes e lustres e ela amava contos de fadas. Já Tiana não gostava dos contos, mas gostava de ler outros livros de estórias. Certo dia, Charlotte foi ao salão convidá-la para um baile em seu castelo e contou que estaria presente o príncipe Neeven da Naudônia. Tiana logo aceitou. Charlotte ficou muito feliz e disse que ia mandar uma carruagem busca-lá no dia do baile.

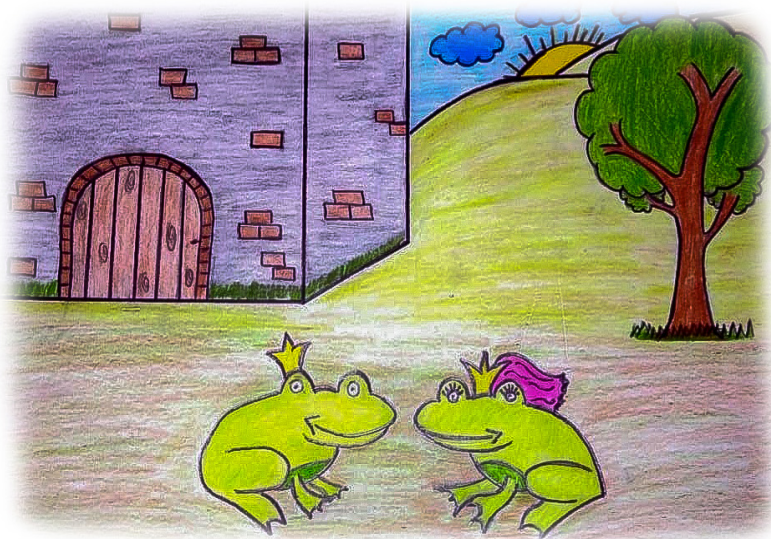
Quando chegou o grande dia, Tiana se arrumou lindamente para o baile e foi buscada pela carruagem. Quando chegou ao salão, estava lá o cachorro de Charlotte, o qual gostava muito de Tiana. Ele ficou tão feliz a ponto de pular no colo dela, mas, infelizmente, acabou sujando o vestido da menina. Vendo a situação em que Tiana estava, Charlotte levou a amiga para o seu quarto, emprestou-lhe um vestido lindo de princesa e, também, maquiou-a com uma maquiagem encantada que fazia com que os príncipes se apaixonassem. Mas quando Charlotte olhou o rótulo, lamentou, pois era a maquiagem que ela estava usando para encantar Neeven e sabia que Tiana não iria gostar de ficar sendo perseguida pelos príncipes. Mesmo assim, voltaram ao baile e começaram a dançar uma música.

Um homem chamado Sombra, que controlava as pessoas usando seus fantoches e usava uma cartola preta para fazer magia, queria todo o dinheiro do príncipe. Quando descobriu que Neeven iria ao baile, ele armou um plano para atraí-lo até o

lugar que fazia seus feitiços, pois iria assumir o lugar do príncipe no baile. Então, Sombra, com sua boca pontuda e cortante, deu uma mordida no dedo do príncipe e pegou um pouco do sangue de Neeven, colocou em um colar e, enquanto estivesse usando, teria aparência de Neeven. O Sombra transformou o príncipe em um sapo, deixou-o trancado em uma gaiola para que ele não conseguisse fugir e foi para o castelo no lugar daquele belo jovem. Mas o príncipe, como era inteligente, pegou o grampo de cabelo, que o feiticeiro usava para prender a cartola, encaixou na fechadura da gaiola, deu duas voltas, abriu-a e conseguiu fugir a caminho do baile.

Ao chegar ao baile, o príncipe avistou uma linda mulher dançando. Imaginou que ela era uma princesa e que, se ganhasse um beijo dela, poderia voltar a ser um príncipe. Quando Tiana parou de dançar, foi sentar-se, e o príncipe resolveu ir até ela. O sapo, que era o príncipe, escondeu-se debaixo da mesa. Ele não conseguia parar de olhar para o rosto de Tiana devido à maquiagem encantada. Quando ela viu um sapo, saiu correndo do baile, e Neeven foi atrás dela.

Logo que chegou ao quarto de Charlotte, Tiana tirou a maquiagem e foi para a varanda do castelo. Quando Neeven chegou lá, pediu um beijo para a princesa desejada, disse que ele iria retornar à forma de um príncipe e que realizaria todos sonhos dela. Então a garota aceitou, mas continuou com nojo. Nesse momento, Tiana segurou o sapo nas mãos e algo inesperado aconteceu, ao beijar o sapo ela se transformou em sapo também.



Enquanto isso, o cachorro de Charlotte entrou e acabou os assustando, mas o príncipe segurou na corda de um balão e pediu para Tiana assegurar-se também, pois isso iria ajudá-los a fugir do cachorro. No entanto, quando chegaram à floresta, os balões começaram a estourar e eles caíram em um arbusto. Logo que saíram de lá, viram um leão preso em uma roseira e resolveram ajudá-lo.

Logo depois que ajudaram o leão, que saiu correndo e nem disse obrigado, Tiana e Neeven continuaram andando. Depois de muito tempo de caminhada, viram um lago e resolveram beber água. Mas, quando foram tomar água, viram muitos jacarés e, para se proteger, deram um salto bem grande e subiram em cima do tronco de uma árvore, no meio do lago, ficando cercados por aqueles jacarés asquerosos. Foi aí que o leão apareceu e, bem na

hora que os jacarés iam dar o bote, foram salvos por ele. Tiana e Neeven começaram, então, a se apaixonar.

O Sombra continuava atrás deles, principalmente do príncipe, pelo fato de que ele tinha que pegar mais um pouco de sangue do príncipe para carregar o colar, pois, se não fizesse isso, sua identidade seria descoberta.

Algumas horas depois, o leão apareceu e contou toda sua história aos sapos. Disse que ele nem sempre foi um leão. Na verdade, ele era um rei muito bonito, mas uma bruxa má transformou-o em leão, dizendo que só um beijo de amor verdadeiro poderia reverter o feitiço e, como ninguém se atreveria a beijar um leão, pois todo mundo tinha medo, ele ficou assim para sempre. Os sapos não estavam entendendo, pois já tinham se beijado uma vez e não tinha funcionado.

Enquanto isso, Sombra estava preparando uma armadilha para pegar o príncipe e mandou todas as sombras, que faziam parte do seu grupo, para a floresta à procura dele. Encontraram o príncipe, mas o leão conseguiu assustar as sombras. O Sombra ficou muito irritado. Então, foi ele mesmo atrás do príncipe, mas Tiana e Neeven foram mais rápidos e encontraram-no, tiraram o colar dele e quebraram. O vilão se deu muito mal, pois os amigos do outro lado, as sombras, vieram buscá-lo.

Depois de derrotarem o Sombra e passarem por todas essas aventuras, os dois, apaixonados, resolveram casar-se e fizeram um lindo casamento na floresta com muitos animais, pois ainda continuavam sendo sapos. Finalmente, quando se

beijaram, o que menos esperavam, no momento, aconteceu: eles retornaram à forma humana, um lindo príncipe e uma linda princesa. Como já estavam casados, foram morar no castelo do príncipe e viveram felizes para sempre.



Chapeuzinho Vermelho e o seu smartphone

Gabriel Lopes da Silva

6º ano



Era uma vez...Chega desses clichês de contos de fadas, vamos fazer diferente. Em uma vila muito distante, vivia uma garota que sempre foi comportada. Um dia, sua mãe chegou à casa muito feliz e falou que tinha o melhor presente de aniversário de todos para sua filha, então entregou uma caixa para a menina. Ela a abriu e viu a coisa que mais queria: um *smartphone* muito legal para a época.

A menina começou a usar o *smartphone* e foi aprendendo cada vez mais. Ela começou a jogar um jogo que, de repente, tinha aparecido no celular dela. O jogo parecia ser mágico, pois se tratava da estória de uma menina malcriada que saiu para brincar escondida e, no meio da floresta, encontrou um lobo faminto que a enganou para pegá-la. Nesse jogo, o lobo a prendeu em uma cabana e a personagem precisava escapar desse lugar.

Cada vez mais, a mãe foi percebendo que sua filha estava ficando mal-educada e, então, decidiu dar uma bronca na menina. Mesmo assim, a menina continuou com a má criação. Um dia, a mãe descobriu que a avó de sua filha estava doente. Diante disso, ela decidiu fazer um bolo e uns doces para a vovozinha e mandou a menina levar as coisas para sua avó. Chapeuzinho, com má criação, respondeu:

— Eu tô jogando, mãe!

Então, a mãe falou:

— Vai agora ou eu tiro o seu celular!

A menina, com cara feia, agarrou a cesta de comida de cima da mesa. A mãe dela disse:

— Vá pela rua de asfalto, não pela de terra!

A menina, emburrada, saiu correndo em direção à estrada de terra e, mais ou menos na metade do caminho, encontrou um lobo e gritou:

— Saia de perto!

E o lobo disse:

— Calma, calma! Eu sou seu amigo!

Ela estava muito desconfiada por causa do jogo e, mesmo assim, acreditou. Mais tarde, o lobo disse:

— Você costuma brincar muito aqui?

Ela respondeu:

— Não, eu fico quase o tempo todo no celular.

O lobo falou (com muito interesse no celular):

— Celular, por acaso, é aquele aparelhinho que vocês ficam apertando?

Ela disse:

— Sim.

Então a garota disse que ia levar uma cesta de doces para sua avó, mas fazia tanto tempo que não ia até lá, que tinha esquecido o caminho. Ela perguntou ao lobo se ele conhecia uma casinha de madeira branca que havia no meio da

floresta. O lobo respondeu que sim e deu um caminho para Chapeuzinho, mas esse caminho era mais longo. Ele estava planejando chegar lá primeiro e pegar a vovozinha.

Quando chegou lá, escutou latidos e escutou também o ronco da vovozinha. Entrou e sentiu alguma coisa mordendo as pernas dele e, quando olhou para baixo, viu um pinscher, que usava uma coleira com o nome de Tóbi. O lobo quase gritou, mas ia acordar a vovozinha, então andou até a cama dela, engoliu-os, depois deitou na cama da vovozinha e escutou uma batida na porta.



A menina chegou lá e bateu na porta. Então, o lobo falou:

— Entre e chegue perto da minha cama!

A menina entrou e perguntou para a “vovozinha”:

— Como seus cabelos estão grandões, vovozinha, e esses dentes gigantes?

O lobo então respondeu:

— Os cabelos, minha neta, são porque não tenho como cortar e os dentes são para te comer!

Então a Chapeuzinho começou a correr. Por sorte, um caçador que estava passando por ali escutou, entrou correndo e deu um tiro no lobo. Abriu a barriga e tirou a vovozinha. Chapeuzinho abraçou a avó e o Tóbi pulou lá de dentro da barriga do lobo.

Chapeuzinho ligou para a mãe e contou tudo que aconteceu e voltou para casa. Ao chegar à casa, a menina pegou o seu *smartphone* e apagou o jogo, porque percebeu que ele era realmente mágico, já que tudo o que acontecia no jogo aconteceu com ela até então. Chapeuzinho conversou com a mãe e percebeu que não deveria confiar em estranhos e, depois disso, todos viveram felizes para sempre, menos o lobo.



As aventuras de João e Maria

Mateus Macedo Fontana

6º ano



Era uma vez dois irmãos, um menino chamado João e uma menina chamada Maria, que moravam com a mãe. Os dois eram apaixonados por doces, mas nem sempre a mãe tinha condições de comprá-los. Certo dia, a mãe deles lhes disse o seguinte:

— Eu vou fazer um delicioso bolo de chocolate, mas, para isso, preciso que vocês dois vão até a uma venda aqui perto. Preciso que comprem um pacote de farinha e uma dúzia de ovos. Para chegar até a venda, vocês terão que seguir uma estrada pela floresta. Tomem muito cuidado!

A mãe entregou o dinheiro a eles e as crianças foram caminhando até à venda. Na metade do caminho, João começou a sentir um cheiro muito bom de bolo de chocolate, então perguntou para sua irmã:

— Será que a mamãe já fez o bolo?

— Não, porque ela mandou a gente buscar a farinha e os ovos para fazer o bolo.

— Eu até tinha me esquecido disso quando senti aquele maravilhoso cheiro de bolo de chocolate.

Ao andar mais um pouco, os dois se depararam com uma fantástica e deliciosa casa de doces. Foram correndo até aquela casinha e, ao chegarem lá, devoraram tudo. Após ficarem um bom tempo lá comendo os doces, encheram a barriga e ficaram com muito sono.



Lá do meio da floresta, surgiu uma velhinha, que se aproximou de João e Maria e falou:

— Olá crianças! Vocês parecem estar com muito sono. Venham até a minha casa, vocês poderão dormir o quanto quiserem!

Eles responderam:

— Nós não podemos! Nossa mãe nos mandou ir comprar farinha e ovos para fazer um bolo de chocolate!

— Não seja por isso — disse a velhinha. — Vocês terão muito tempo ainda para comprar o que a mãe de vocês mandou. Vamos lá!

Então os dois toparam com a ideia dela e foram até a sua casa, que ficava muito próxima à casa de doces que

João e Maria devoraram. Chegando lá, os dois deitaram em uma cama e adormeceram. A senhora, que havia os convidado para dormir em sua casa, saiu e foi buscar duas gaiolas. Pegou João e Maria, que estavam em um sono profundo, e os colocou nas gaiolas.

Depois que acordaram, ficaram muito assustados ao perceber que estavam presos. A velha buscou um caldeirão e começou a preparar uma misteriosa bebida. Terminou a bebida, feita com ingredientes mágicos, e fez com que as crianças tomassem, falando que era um refrigerante. Os dois, um pouco desconfiados da velhinha, beberam o líquido, o que fez com que eles engordassem muito rápido.

João e Maria ficaram muito assustados com aquela atitude da velhinha e com muito medo também, então, começaram a chamá-la de bruxa. Algum tempo se passou e a malvada senhora foi buscar lenha na floresta. Quando voltou para casa, colocou-as no antigo forno. Depois, pegou alguns fósforos e acendeu-o. Apavorados, precisavam sair daquelas gaiolas o mais rápido possível, pois já desconfiavam do mal que a bruxa poderia fazer a eles. Foi então que Maria teve a ideia de pegar um osso velho que estava perto da gaiola para tentar abri-la. Maria tentou diversas vezes, enquanto a bruxa estava distraída, até que conseguiu.

Após Maria sair da gaiola, libertou seu irmão, porém ao tentar sair daquele lugar eles foram surpreendidos pela bruxa malvada e ela disse:

— Onde vocês pensam que vão?

Sem pensar duas vezes, João e Maria empurraram a bruxa para dentro daquele antigo forno, trancaram a porta dele e a malvada senhora queimou todinha lá dentro. Muito assustados, eles foram correndo de volta para a casa deles. Chegando lá, viram que sua mãe estava muito preocupada. Quando viu as crianças chegando, ficou com uma imensa felicidade e fez várias perguntas sobre o que havia acontecido.

De tanto doce que comeram e o tal líquido misterioso, que a bruxa preparou e os fez tomarem, João e Maria passaram a ter problemas de saúde. Perceberam que o melhor para terem uma vida saudável de novo, era praticar esportes tais como: basquete, futebol e vôlei. Depois de muito tempo praticando esportes, as crianças voltaram a emagrecer e ficaram saudáveis como antes. João, Maria e sua mãe ficaram muito felizes e a bruxa nunca mais fez mal a ninguém.



As magias de Cinderela

Isabele Vieira Goularte

6° ano



Era uma vez, em um vilarejo, uma menina chamada Cinderela. Ela fazia magias e era uma digital *influencer*. Morava com o seu pai, sua madrasta e as duas filhas da madrasta. A mãe de Cinderela havia morrido, deixando apenas um livro de magia como herança. Cinderela, como tinha um coração muito bom, ensinava para os seus seguidores do YouTube toda a magia que ela aprendia no livro.

As filhas da madrasta chamavam-se Débora e Eva. A madrasta e as filhas eram muito ruins para Cinderela e a mandavam fazer todo o serviço pesado.

Eva falava:

— Vá arrumar o meu quarto!

Débora dizia:

— Ops, derrubei a xícara de café, limpe tudo.

Cinderela nunca dizia não. Ela, sempre que podia, fazia seus vídeos para o YouTube e aprendia mais um pouco sobre magia. Em um belo dia, sua madrasta falou que teria um baile em que o príncipe escolheria sua esposa. Cinderela ficou superanimada, até receber a notícia, de sua madrasta, de que não poderia ir, pois não tinha nenhuma roupa adequada à ocasião. A garota ficou muito triste e foi olhar alguns vídeos do YouTube. Enquanto assistia a um vídeo de magia, deparou-se com um anúncio que dizia “aluga-se um sapato muito brilhoso e um vestido superlindo”.

Então, Cinderela resolveu alugar. Encontrou-se com a vendedora no local combinado e, assim, pegou o sapato e o vestido. A moça, de quem ela alugou, falou que só poderia ficar com o vestido e o sapato até à meia-noite. Cinderela lembrou-se de uma magia que ela estava treinando e tentou fazê-la. Para isso, pegou uma abóbora, transformou-a em uma carruagem e, depois, pegou alguns gatos para transformar no cocheiro e nos cavalos. Ficou muito feliz, pois havia conseguido fazer a magia que ela sempre quis. Então, colocou o vestido e os sapatos, fez uma maquiagem muito linda e foi para o baile. Quando chegou lá, deu de cara com o príncipe.



O príncipe ficou encantado com a beleza da garota e resolveu chamá-la para dançar. Cinderela distraiu-se tanto que nem percebeu as horas passarem e, quando bateu meia-noite, saiu correndo para entregar os sapatos e o vestido, pois havia combinado com a vendedora. No desespero, escapou um sa-

pato do seu pé, caindo em um dos degraus da escada do palácio do príncipe. Cinderela, como estava atrasada, continuou correndo, mesmo descalça. Chegou ao lugar marcado e devolveu o vestido e apenas um dos sapatos. A moça, de quem ela alugou, deu um prazo para que Cinderela achasse o sapato perdido. Ela concordou e logo desfez a sua magia.

Enquanto isso, o príncipe saiu correndo atrás de Cinderela e, quando chegou perto das escadas do palácio, encontrou o sapato daquela menina encantadora. Então, resolveu procurar a garota do sapato perdido. Ele foi a todas as casas das meninas que compareceram ao baile, mas em nenhuma o sapato coube tão bem quanto no pé da Cinderela. Então, o príncipe, apaixonado, pediu ao pai de Cinderela a mão da menina em casamento e ele permitiu. Eles resolveram marcar uma festa para comemorar esse amor e, entre a lista de convidados, estava a moça que alugou o vestido e o sapato à Cinderela. Então, ela aproveitou a oportunidade para devolver o sapato perdido e acertar as contas.

Cinderela foi morar no castelo, pois, agora, estava casada com o príncipe e seu desejo era constituir uma nova família. O castelo era enorme, todas as pessoas do reino gostavam da garota e, por isso, começaram a acompanhá-la nas redes sociais e no YouTube. Cinderela postou sua história no YouTube, teve muitas visualizações, tornou-se famosa com seus vídeos de magia e continuou praticando seu dom. A princesa e o príncipe viveram felizes para sempre.



João e Maria, os sobreviventes

João Vitor de Vargas Dias

7º ano



Em uma cidade do interior, vivia uma família que era composta de três pessoas, uma menina chamada Maria, que adorava músicas, seu irmão, que se chamava João, e seu pai. Teve uma forte epidemia mundial que fez com que tivessem que racionar comida e, por ser um vírus que infectava a comida e eles já tinham pouca, o pai deles os deixou num bosque muito bonito e florido. O bosque tinha árvores enormes, com copas bem verdes. Nele passava um trem que levava suprimentos para os hospitais.

João disse para sua irmã que tinha um livro de músicas guardado naquele bosque e que o bisavô deles tinha contado a ele onde estava. O rapaz se lembrava muito bem do local, era numa árvore perto de uma pedra, que parecia um dente de lobo. Nesse livro, tinha um papel que continha a letra de uma música e essa música era o mapa secreto que os levaria a uma casa na floresta. Maria ficou intrigada e disse que era só uma história infantil, mas o garoto acreditava na história de seu bisavô e começou a procurar a tal árvore.

Depois de muito procurar, João achou o livro e chamou Maria para ver. Quando ele o abriu, deparou-se com a letra da música que ocupava as duas páginas do livro. Após ler e decifrar alguns códigos, os dois descobriram o endereço daquela casa misteriosa e resolveram ir até lá. Caminharam muito, até que chegaram e, quando olharam, já perceberam algo estranho: janelas feitas de jujuba, portas de barras de chocolate, flores de biscoito e grama doce.



João e Maria foram se aproximando da casa. O menino bateu à porta. Ele e sua irmã foram se afastando lentamente e, quando a porta se abriu, saiu uma mulher muito elegante que os convidou para entrar, dizendo que era porque estava muito frio na rua. Ao entrar na casa, logo perceberam que não era uma casa comum, tinha vários caldeirões e muitas gaiolas com ossos dentro. As crianças acharam que eram gaiolas para engordar animais, mas a mulher, sem pensar duas vezes, logo os empurrou para dentro de uma gaiola. Eles perguntaram o motivo e ela respondeu que era porque adorava carne de crianças.

Depois de um tempo, Maria percebeu que a mulher era, na verdade, uma velha que também tinha sido afetada pela epidemia, e João percebeu que ela adorava doces. Logo, os irmãos começaram a bolar um plano para sair daquele lugar. Enquanto

isso, a velha pensava como iria engordá-los para depois comê-los. Ela se lembrou que tinha um estoque enorme de doces no seu porão e decidiu que iria engordar as crianças com doces. Enquanto ela descia até o porão, João e Maria aproveitaram o tempo para começar a bolar um plano de fuga, analisaram bem o local e logo perceberam que tinha uma gaiola aberta que eles poderiam tentar usar para prender a velha.

Maria disse a João:

— João, tenho um plano de fuga!

— Qual Maria? Me conte!

— Tá bom, é o seguinte: eu vou chamá-la aqui, daí você pega as chaves do bolso da capa que ela está usando, tá bom?

— Tá bom!

Enquanto a bruxa saía do porão e voltava para a sala, ouviu Maria gritar:

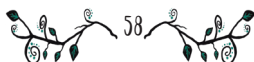
— Ôh! Senhora, pode vir aqui? Preciso de água!

— Tá bom. Vou levar um pouco de água, toma menina chata!

Enquanto Maria tentava distrair a bruxa, João tentava pegar as chaves da velha, que mais se parecia com uma bruxa. Quando a senhora se afastou, João disse a Maria:

— Maria! Consegui pegar a chave da capa da bruxa!

— Que bom, abra sua gaiola, mas não abra a porta, deixe fechada e me dê a chave para eu abrir a minha.



— Tá bom, Maria, vou abrir. Pronto, tome a chave da gaiola!

Quando João foi jogá-la para Maria, a chave escorregou da mão dele e quase caiu no chão, mas devido a grande quantidade de ossos que estavam empilhados ali, a chave ficou alta o suficiente para Maria pegar e ela conseguiu.

Depois que Maria conseguiu abrir sua gaiola, eles se abraçaram e trancaram a bruxa na gaiola de ferro que estava em cima de um fogão muito quente. As crianças foram para casa, reencontraram o pai e, alguns dias depois, descobriram que na verdade a causa da epidemia era a própria bruxa, que havia feito uma magia catastrófica, causando aquele vírus fatal. A bruxa morreu queimada e João, Maria e o pai viveram felizes para sempre.



Chapeuzinho e o susto na floresta

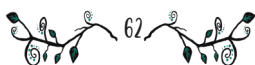
Ana Lavínia Rodrigues de Oliveira

8º ano



Em uma manhã ensolarada na qual se ouvia o canto dos pássaros, uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho estava na cozinha de sua casa juntamente com seu cachorro e sua mãe, que preparava, ao som de uma música tocada na playlist favorita do YouTube, um lanche para que a garota levasse para sua avó, que estava de cama. Enquanto esperava os doces ficarem prontos, Chapeuzinho Vermelho estava entretida com seu livro. Sempre que ia à casa de sua avó, ela lhe pedia para que lesse um pouco, e, desde então, Chapeuzinho passou a amar livros, principalmente os de aventura, encantava-se com as viagens e missões de seus personagens, pois tudo era muito fascinante.

Quando sua mãe terminou o lanche, logo deu as devidas recomendações para a filha: “não converse com estranhos e não se desvie do caminho”. A menina prontamente concordou. Do lado de fora de sua casa, a menina se despediu da mãe e partiu com seu cachorrinho para dentro do bosque, que era um dos caminhos para chegar à casa de sua avó. No meio do bosque, começou a ouvir barulhos e o som de gravetos se quebrando. Quando olhou para trás, não viu nada, mas, ao virar-se para frente novamente, viu uma sombra correndo no meio das árvores. Chapeuzinho Vermelho ficou parada no lugar, pois ficou assustada. Já o cachorro foi correndo atrás da sombra, saindo da trilha. Sua dona o chamou de volta, mas ele não apareceu. Então ela foi em busca do animal e também saiu da trilha.





Caminhou em direção aos latidos que ouvia, chegou a uma clareira e encontrou seu cachorro latindo para alguém. Ao observar melhor, assustou-se um pouco ao perceber que se

tratava de um lobo, que ao vê-la deu um sorriso e a cumprimentou, Chapeuzinho o achou simpático e o cumprimentou de volta. O lobo lhe perguntou para onde ela estava indo. A garota respondeu, mesmo ele sendo um completo estranho. Ele disse que conhecia um caminho mais curto do que aquele que ela estava seguindo, assim poderia chegar mais rápido ao seu destino. Chapeuzinho Vermelho, não sabendo suas reais intenções, seguiu junto com seu cachorro o caminho sugerido pelo lobo, que foi correndo para a casa da avó da menina.

O lobo, ao chegar à casa da velhinha, aproveitou que a porta não estava trancada e entrou. Aproveitou que a idosa estava em seu quarto dormindo e tampou sua boca, o que fez com que a mulher acordasse assustada. Atou suas mãos e depois a colocou dentro do armário, que se encontrava ao lado da cama. O plano dele era esperar Chapeuzinho Vermelho chegar para devorar as duas e assim ter um grande banquete.

A garota, quando chegou à casa de sua avó, abriu um sorriso, deixou o cão que a acompanhava do lado de fora brincando e, quando foi bater na porta, notou que ela estava entreaberta. Estranhou, mas deu de ombros e entrou mesmo assim. Ao chegar ao quarto e se aproximar da cama, notou algo estranho: orelhas peludas, nariz comprido e mãos enormes. Não era sua avó ali. Quando tirou a coberta de cima do que poderia estar na cama, o lobo pulou para fora dela. A menina saiu correndo e o lobo logo atrás. A menina gritava por socorro. Por sorte, um caçador que morava ali perto estava passando no momento e ouviu os gritos de Chapeuzinho.

O caçador foi correndo ajudar. Ele estava com sua arma de caça e, assim que avistou o lobo, atirou, o que fez com que o animal caísse morto no chão. Logo depois, foi perguntar se a menina estava bem e ela respondeu que sim, mas, quando se lembrou da avó, foi correndo para dentro de casa. Chapeuzinho Vermelho procurou sua avó por toda a casa, torcendo para que ela estivesse lá. Por sorte, ela ainda estava dentro do armário e estava bem.

Como forma de agradecer ao caçador por tê-las ajudado, convidaram-no para tomar um café e comer os doces que Chapeuzinho Vermelho havia levado. Já era de tardezinha quando o homem foi embora, Chapeuzinho dormiu na casa da avó e, no dia seguinte bem cedo, voltou para casa e contou toda a confusão para sua mãe. A mãe da menina ficou tão preocupada que no mesmo instante parou de olhar os seus vídeos do YouTube para dar atenção à menina. Ouviu toda a história e disse que, da próxima vez, a filha deveria tomar mais cuidado e não sair por aí confiando em todo mundo. A menina assentiu e saiu para brincar com seu cachorro.

Apesar de tudo, ficou feliz por ter tido uma aventura dessas, assim como as personagens de seus livros e, por isso, criou, com a ajuda de sua mãe, um canal no YouTube para orientar outras crianças a se protegerem de pessoas que não são confiáveis.



Branca de Neve e a rainha má

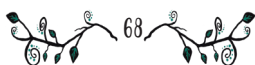
Maria Luiza Silva de Lima

8º ano



Era uma vez um rei que vivia em uma aldeia com uma filha pequena que se chamava Branca de Neve. O rei se sentia só e, por isso, casou-se novamente, pois pensava que seria bom para a pequena ter uma mãe. A rainha era muito linda, mas também muito má, por isso a chamavam de bruxa. Ela não gostava de Branca de Neve, porque quanto mais a garota crescia, mais músicas ela escutava. O problema era que, nessas músicas que a menina escutava, havia algumas histórias horríveis sobre a rainha. Por medo de que o rei descobrisse a verdade sobre o passado dela, a rainha má sempre xingava a menina para que parasse de escutar tais músicas.

Um dia, Branca de Neve deu uma festa com seus amigos em casa. Seu pai, como era muito legal, divertiu-se a noite toda, mas a rainha não deu nem um sorriso sequer. No dia seguinte, a rainha conversou muito com o rei sobre expulsar a princesa do reino. O rei não concordou com a madrasta de Branca de Neve, mas ela não deu a mínima para o que o rei disse e expulsou a garota. A menina, chorando, foi para o lugar mais próximo de sua casa para passar a noite, que era uma estação de trem. Alguns anões que trabalhavam por ali viram aquela bela menina adormecida e, comovidos, decidiram levá-la para casa deles e abrigá-la.





Quando a garota acordou, ficou espantada ao ver que não estava onde tinha dormido. Como as coisas da casa eram pequenas, desconfiou que os donos da casa eram anões. Em sua mochila tinha uma caixinha de som que era de sua mãe. A menina colocou uma música legal e começou a limpar a casa. Enquanto limpava, viu as camas com os nomes dos anões: Espirro, Mimoso, Pelé, Contente, Chefe, Dorminhoco e Teimoso.

Quando eles chegaram, viram a casa limpa e uma comida deliciosa na mesa. Branca de Neve ficou muito contente com os anões, pois eles gostaram de tudo. Depois que conversou com seus novos amigos, a menina decidiu dormir um pouco. Os anões, preocupados com o bem-estar da garota, pediram a ela que dormisse na cama deles, mas, como a garota era uma só, teve que escolher em qual cama iria ficar. Então, Branca de Neve, para não magoar os amigos, juntou as camas e dormiu.

Ao acordar, a menina saiu da casa para colher frutinhas na floresta. Mas o que Branca de Neve não esperava era que a bruxa má surgisse no meio do caminho para matá-la, porque ela sabia da verdadeira história da rainha. Como Branca de Neve não era boba, despistou a bruxa e fugiu. Então, Branca de Neve foi correndo até a casa dos anões e pediu ajuda a eles, para que tirassem a rainha do caminho.

A madrasta de Branca de Neve queria matar a menina, porque ela sabia muito sobre a história dela e sabia também das coisas que a bruxa fez com os outros maridos. Enquanto os anões despistavam a rainha, Branca de Neve se escondeu para não ser morta pela bruxa. Os pequenos, com medo de perder a amiga, mandaram a esposa do rei sair da aldeia, porque se não eles mesmos iriam expulsá-la do povoado. A rainha, com medo dos anões, saiu rápido e nunca mais apareceu.

O rei, sozinho naquele castelo enorme, foi procurar sua filha na floresta, mas não a achou em lugar nenhum. Ele, cansado de procurar, decidiu ir para casa dormir e, no dia seguinte, voltaria a procurá-la. No outro dia, bem cedo, o pai saiu pela aldeia e a encontrou cercada de amigos. Então, Branca de Neve retornou com seu pai para sua casa para ser feliz como antes, mas agora ela tinha seu pai e seus novos amigos. A princesa foi muito feliz na casa dos anões, mas preferia ficar na casa dela mesmo. Branca de Neve e seu pai passaram muito tempo juntos e aproveitaram todos os momentos de alegria.

A Cinderela conectada

Markus Juan de Colpo Moraes

8º ano



Era uma vez uma bela menina que se chamava Cinderela. Ela vivia com seu pai, um bom homem, e com sua madrasta, que era jovem, porém má. Sua madrasta tinha duas filhas, uma tinha 18 anos e a outra 24. Elas não tinham responsabilidades nenhuma e, por isso, eram tão más com a bela moça.

Um belo dia, no quintal de casa, a donzela estava lendo seu livro que contava a história de uma menina que perdeu sua mãe quando era pequena, e isso fez Cinderela ficar muito triste, pois aconteceu o mesmo com ela. Sua mãe, antes de falecer, deixou-lhe uma enorme biblioteca, como herança, o que fez com que amenizasse sua perda e a saudade da mãe.



Cinderela voltou para dentro de casa e, chegando lá, a madrasta fez ela limpar toda a bagunça que suas irmãs tinham feito. Era uma casa enorme e, por isso, ela demorou bastante. Enquanto realizava as tarefas domésticas, Cinderela costumava cantarolar algumas canções que sua mãe havia ensinado a ela antes de falecer.

Assim que terminou de limpar, pegou seu celular e acessou o YouTube. No aplicativo, viu que o filho do rei estava organizando uma festa, viu em um vídeo, pois o príncipe fazia blogs para aquela plataforma. O vídeo se tratava de um convite às damas do reino para o baile que ele estava organizando, no qual seria decidido com quem casaria. A notícia se espalhou pelo reino e todas as damas já estavam se arrumando para festa que ocorreria na próxima semana.

A bela menina não queria ficar de fora, também queria ir àquela festa, mas ela não tinha a roupa adequada para ir. Então ela teve uma ideia, procurou no YouTube como costurar. Como morava longe do reino, Cinderela teve que ir até lá buscar os tecidos. Depois que voltou, começou ela mesma a fazer sua roupa. Uma semana se passou, e Cinderela já estava quase pronta para ir ao baile. Estava terminando sua maquiagem, que aprendeu no YouTube, quando a madrasta malvada e as irmãs invejosas derrubaram café em seu vestido e estragaram todo ele.

A menina começou a correr, chorando desesperadamente e, no caminho, encontrou uma velhinha muito boa, que era costureira. Aquela senhora fez a bela menina parar de chorar,

dizendo que iria emprestar um vestido a ela. A bela moça ficou tão feliz que chamou a dócil senhora de fada madrinha. Mas havia um problema: só poderia emprestar o vestido com a condição de que Cinderela o devolvesse até a meia-noite. Cinderela, como não tinha mais nenhuma opção, aceitou e partiu de carruagem.

Ao chegar à festa, encontrou sua madrasta e suas irmãs. A princesa estava tão linda com aquele vestido que nenhuma delas a reconheceu. O príncipe, assim que a olhou para ela, ficou encantado com tanta beleza e a chamou para uma dança. Assim que o relógio bateu meia-noite, a bela menina saiu correndo do palácio e, enquanto isso, derrubou um papel com seu número de celular, que ela sempre carregava por precaução. O príncipe foi atrás da menina e encontrou o papel na escadaria do palácio, mas, quando ligou, ninguém atendeu. Então ele começou a perguntar, a todo mundo, se sabiam de quem era o número, mas ninguém sabia responder. Não faltavam muitas casas para perguntar, pois o reino não era tão grande. Então, não demorou muito para que ele chegasse à casa de Cinderela.

A campainha tocou uma vez. Cinderela estava lavando as roupas e não escutou. Assim que a campainha tocou pela segunda vez, a madrasta dela atendeu a porta. O príncipe entrou e perguntou se havia mais alguém na casa. A madrasta respondeu que, na casa, só moravam ela e as duas filhas. O príncipe, desconfiado, pediu para conhecê-las, mas nenhuma delas era quem ele procurava.

Quando o futuro rei levantou-se para ir embora, escutou um belo canto vindo da parte de fora daquele lugar. Então ele notou que não havia só as três na casa. Depois de ouvir o belo canto da menina, pediu para que seu guarda o levasse até lá fora e, quando chegou, deparou-se com quem ele tanto procurava: lá estava Cinderela, estendendo as roupas e ouvindo D.I.Y no YouTube. Assim que conversaram, o príncipe, apaixonado, pediu sua mão em casamento e perguntou a ela se queria ir morar com ele no seu castelo. Cinderela, apaixonada pelo príncipe, aceitou, foi até o seu quarto, pegou tudo que tinha, que era os seus livros e o celular, deixou o castelo da madrasta para trás e, assim, viveram felizes para sempre.

João o aventureiro

Gustavo de Oliveira Guites

9º ano



Era uma vez um menino que se chamava João, que ajudava sua mãe em casa e tinha um cachorro da raça pastor alemão de estimação. Ele gostava de ir à floresta para explorar e, antes de sair, ele falou para a mãe que iria para a floresta.

Enquanto andava pela floresta, João avistou um coelho e, ao tentar pegá-lo, escorregou e caiu perto de um lugar íngreme, onde nunca ido. Nesse lugar, encontrou uma caverna, ficou curioso e entrou nela. A caverna estava escura, então pegou seu *smartphone*, ligou a lanterna e, quando acendeu, viu uma caixa pequena e a pegou. Mas ouviu um grito, era a sua mãe. Então ele saiu correndo.

Quando chegou a sua casa, João percebeu que estava com a caixa. Tentou abri-la e conseguiu, mas ficou decepcionado, pois havia apenas feijões na caixa. Então jogou-os pela janela e foi dormir. No dia seguinte, quando acordou, olhou para fora e se deparou com sua casa nas nuvens. Quando olhou para frente, João se deparou com seu cachorro, que estava caminhando pelas nuvens. Enquanto isso, ouviu sua mãe gritar e foi correndo para ver o que tinha acontecido. O menino foi ao quarto da sua mãe, mas não a encontrou. Na hora que João olhou para a janela do quarto dela, viu que a mãe estava sendo levada por um monstro gigante. Então ele gritou.

— Mãe!!!!!!

O monstro olhou para trás, mas não viu nada, pois o menino tinha se escondido. João pegou seu estilingue e as bolitas que guardava, chamou o seu o cachorro, pegou o seu presente,

que era uma bicicleta, e foi atrás do gigante. De longe, viu que tinha uma montanha enorme de nuvens, então desceu da bike e foi subindo, mas estava difícil porque era muito alto. Bem próximo do topo, ouviu o grito de sua mãe e foi correndo para lá.



Quando chegou ao topo, ele se deparou com uma porta muito alta, colocou sua bicicleta no lado da porta, escondeu a bike atrás das nuvens. João falou para seu cachorro ficar do lado de fora e foi se arrastando por debaixo da porta. O menino, quando chegou ao final da porta, foi andando enquanto apontava o seu estilingue com uma bolita pronta para atirar. Nessa hora, ele viu o monstro saindo de outra porta. Então o menino se escondeu e percebeu que sua mãe não estava atrás daquela porta. Nesse instante, viu muitos ossos de pessoas e dois pergaminhos, que resolveu pegar. Ao abri-los, viu que um era um mapa e, no outro, havia uma história dizendo que quando uma pessoa pegava esses feijões e os jogava na terra, crescia uma enorme planta que ia até as nuvens.

— Foi assim que eu vim parar aqui – disse o João para si mesmo.

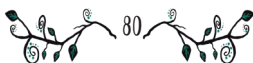
E, nesse castelo, havia um gigante que comia pessoas. Ele descobriu que teria que pingar uma gota de sangue na árvore de feijão para ela voltar ao normal, então ele ouviu um grito.

— Aaaaaaaaaaaaaa!!!!!!

Era sua mãe gritando.

Ele olhou no mapa e encontrou a cozinha, foi até lá e achou sua mãe, que estava presa por uma corda. Ele a viu e começou a escalar. Quando chegou ao local em que sua mãe estava, liberou-a e a levou para a porta gigante. Enquanto passavam por baixo da porta, eles ouviram:

— Aaaaaaaaaaaaaa!!!!!!



Era o monstro!

A mãe e o menino subiram na bicicleta e João falou para seu cão:

— Vem Duque!

João e sua mãe desceram muito rápido. Quando chegaram, ele avistou o gigante se aproximando. João lembrou-se que deveria pingar uma gota de sangue na planta para que ela voltasse ao normal, então ele fez isso. Finalmente, João, sua mãe e seu cachorro descansaram.

Depoimentos dos Alunos-autores

E.M.E.F. Júlio do Canto, Santa Maria, RS



Gostei bastante de participar do Ateliê de Textos, gostei de poder elaborar histórias com os colegas, e a minha também! Os professores são ótimos e, com os ensinamentos e dicas de cada um, eu consegui escrever uma história muito boa. Tenho certeza de que o livro, depois de todo nosso trabalho e esforço, está incrível!!

Ana Lavinia Rodrigues, 14 anos, 8º ano

O projeto Ateliê de Textos me mostrou que, com os textos, podemos transmitir muitas lições de vida. Sou grata, pois aprendi muito nesse projeto. Aprendi a escrever uma história, a usar minha criatividade e a nunca desistir das coisas.

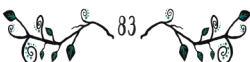


Bianca Rodrigues Corrêa, 11 anos, 6º ano



Gostei muito do Ateliê de Textos! No início pensei que seria apenas escrever o texto e enviar para as professoras, mas foi muito além disso, pois toda a equipe do projeto se comprometeu e nos ajudou muito, tanto pelos bastidores, encaminhando dicas para melhorar nossos textos, quanto nas aulas on-line, lendo e criando novas possibilidades para os nossos textos. Além disso, na escrita conjunta e nas escritas e reescritas individuais, quem mais nos ajudou foi a Karen, que junto com a professora Elisane nos incentivaram a criar textos incríveis.

Gabriel Lopes da Silva, 13 anos, 7º ano



No projeto Ateliê de Textos, eu aprendi a fazer um livro com outras pessoas e isso foi muito divertido. Aprendi, também, a enviar, pelo computador, todas as versões da minha estória e pude melhorá-la a cada versão que enviava. O que mais me chamou atenção nas atividades foi a escrita conjunta, em que fiz um texto com outras pessoas, os colegas e as professoras. Além disso, gostei de escrever meu próprio texto e espero que, você, leitor, goste do meu desenho também! Agradeço à minha mãe e às minhas professoras Elisane, Karen e Diva.



Gustavo de Oliveira Guites, 14 anos, 9º ano



Eu gostei bastante de participar do projeto Ateliê de Textos, pois pude escrever uma estória incrível! Aprendi a usar a criatividade e a imaginação, tanto para o texto, quanto para o desenho. Com professores como os do projeto, que sempre estão nos apoiando e nos auxiliando em tudo, a gente sempre fará tudo com bom gosto e dedicação.

Isabele Vieira Goularte, 12 anos, 6º Ano

Eu gostei muito de participar do projeto Ateliê de Textos, porque nós tivemos a oportunidade de conhecer e entender o que são as estórias de um ponto de vista diferente, que é a prática de escrevê-las. No começo eu fiquei um pouco frustrado com a proposta escolhida por nós em votação: “reinvenções de contos de fadas”, mas depois comecei a gostar bastante, principalmente da relação com os colegas e professores. Com toda certeza, vou sentir muita falta de tudo. Todas as terças-feiras, daqui pra frente, serão difíceis, pois terei que me acostumar a não ter as aulas do Ateliê de Textos. O tempo que passamos juntos foi muito bom, pois entendemos como funciona uma narrativa e aprendemos a criar nossas próprias estórias.



João Vitor de Vargas de Dias, 13 anos, 9º ano



O projeto Ateliê de Textos me ajudou muito na disciplina de Português, me incentivou a ler contos e entender como são as histórias. Agradeço a minha família e a todas as professoras que estavam sempre dispostas a tirarem nossas dúvidas. Em especial, quero agradecer a Karen, que sempre estava nos incentivando a escrever lindas histórias, a equipe do Ateliê de Textos, que nos auxiliou nas reescritas, e a professora Elisane por ter nos apresentado ao projeto.

Maria Eduarda Righi da Cruz, 11 anos, 6° ano

Neste período do projeto Ateliê de Textos, eu aprendi tanta coisa e conheci muita gente! Aprendi a escrever histórias, gostei da escrita conjunta e individual e aprendi a trabalhar em grupo. Agradeço aos professores do projeto pela oportunidade de poder escrever histórias tão encantadoras! Obrigada.



Maria Luiza Silva de Lima, 14 anos, 8° Ano



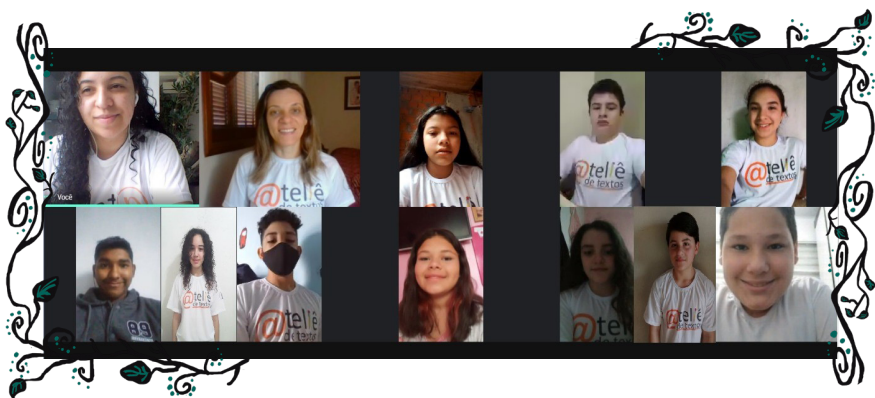
Eu gostei muito do Ateliê de Textos. Neste período de aprendizagens, ganhei muito mais conhecimento do que eu já tinha. Aprendi sobre a pontuação do texto de maneira correta, minha escrita ficou muito melhor, aprendi, também, a diferença entre história e história. Gostaria de agradecer a Karen e a professora Elisane pelos belos ensinamentos que me concederam.

Markus Juan de Moraes Moraes, 14 anos, 8° ano

O Ateliê de Textos foi muito especial para mim! Me trouxe muita aprendizagem, além disso, as aulas foram muito divertidas, mesmo não sendo presenciais. Com certeza nunca esquecerei desses momentos incríveis. Obrigado!

Mateus Macedo Fontana, 11 anos, 6° ano





Print da tela do Google Meet em um dos encontros dos alunos e mediadoras do Ateliê de Textos (arquivo do projeto).

Tipografia: Kind and Rinch
Nunito

Imprensa Universitária da UFSM

Desde 2011, o @teliê de Textos, um projeto de ensino e extensão itinerante, vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas, do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria, realiza oficinas de leitura e produção textual com estudantes da educação básica de escolas públicas em Santa Maria e região. Vencedor do Prêmio RBS de Educação em 2013, o projeto vem aprimorando sua metodologia de trabalho, embasada na perspectiva sistêmico-funcional da linguagem e na pedagogia de gênero de texto.

O ano de 2020 foi desafiador em vários sentidos, por conta dos cortes no orçamento das universidades públicas e da pandemia da COVID-19. Apesar de tantas dificuldades e da suspensão das atividades presenciais, sentimos que precisávamos seguir promovendo a troca de conhecimentos e experiências entre estudantes da educação básica, professores em formação inicial, professores em serviço, professores em formação continuada e professores formadores.

Movidos por esse desafio e acolhidos pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Júlio do Canto, em Santa Maria, RS, realizamos a 9ª edição do @teliê de Textos integralmente na modalidade remota, por meio de plataformas digitais a que tínhamos acesso.

Esta obra é um dos produtos das atividades desenvolvidas na forma de três oficinas: (re)escrita, ilustração e contação de estórias. Os participantes iniciaram esse processo como leitores de textos de outros autores, realizaram atividades de leitura detalhada em textos do gênero estudado, escrevem, reescrevem e revisaram seus próprios textos com a mediação da equipe do @teliê de Textos, ilustraram suas estórias e gravaram áudios com sua contação.

Nesse processo, surgiram bonitas reinvenções de contos clássicos que, além de imaginação, carregam um pouco de cada um dos alunos-autores, seu contexto social e suas expectativas. Convidamos a apreciá-las e, assim, sentir que as estórias trazem a esperança de dias melhores.

Cristiane Fuzer

Coordenadora do @teliê de Textos

